

volume

29/1

jan/2024

ICH - UFPel

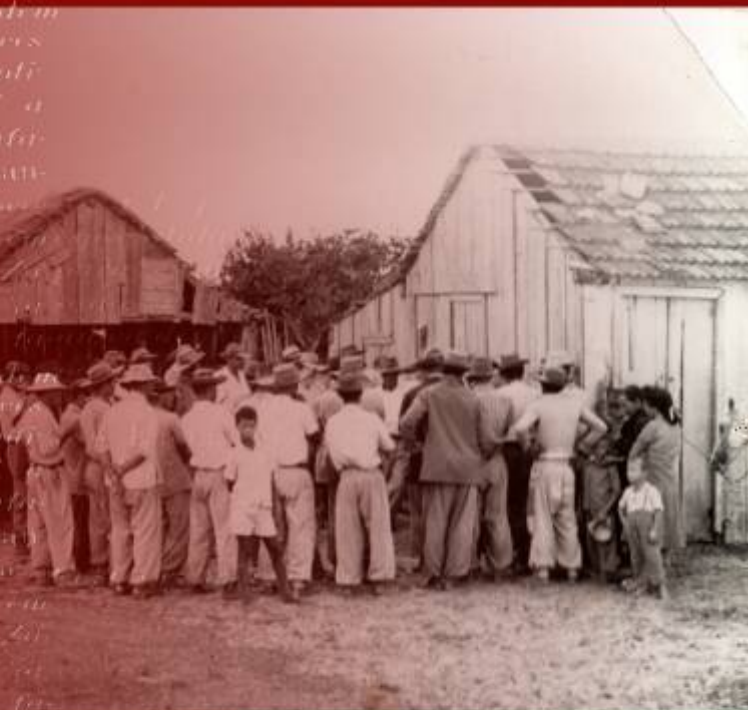


# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Quilombos: Territorialidades, Festejos e Gênero

*As Leis Primeira e Segunda... especialidades em doces especialidades em doces para casamentos, baptipara casamentos, baptisados e banquetes. E' usados e banquetes. E' a unica depositaria da ultranica depositaria da ultranica Guarana Espumante da Guarana Espumante e do excelente chovero e do excelente chovero. Lacta, fabricados em Lacta, fabricados em S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Srs. Zos. nolla Leocadio & C. nolla Leocadio & C. A. Contador Brasil. A. Contador Brasil.*



Hist. Rev. Pelotas Número 29/1 p.1-284 jan. 2024

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitora*

Isabela Fernandes Andrade

*Vice-Reitora*

Ursula Rosa da Silva

*Chefe do Gabinete da Reitoria*

Aline Ribeiro Paliga

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cossio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Eraldo dos Santos Pinheiro

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Rosane Maria dos Santos Brandão

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Paulo Roberto Ferreira Júnior

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Taís Ulrich Fonseca

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Presidente do Conselho Editorial:* Ana da Rosa Bandeira

*Representantes das Ciências Agrárias:* Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

*Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra:* Eder João Lenardão (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências Biológicas:* Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

*Representantes da Área das Engenharias:* Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

*Representantes da Área das Ciências da Saúde:* Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

*Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas:* Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

*Representante da Área das Ciências Humanas:* Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

*Representantes da Área das Linguagens e Artes:* Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner*

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof<sup>a</sup>. Beatriz Loner

*Comissão Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill  
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia Janete Espig  
Prof. Dr. Jornas Vargas  
Paulo Luiz Crizel Koschier

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>a</sup>. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,  
Universidad de los Andes, Santiago, Chile  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)  
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)  
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)  
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)  
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de  
Uberlândia)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Karina Ines Ramacciotti,  
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de Coimbra)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de  
Évora)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do  
Minho)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de  
La Pampa – AR)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto  
Hurtado – Chile)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

*Editora:* Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume:* Claudia Daiane Garcia Molet (UFPEL) |  
Natália Garcia Pinto (UFPEL)

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Quadro fotográfico composto por meninos,  
algumas mulheres, homens negros. Veem-se cavalos, casa de  
madeira com telhas francesas e galpão de mesmo material. Lê-  
se no verso: “Reforma Agrária. Negros Teixeira”. Campo dos  
Teixeiras. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Arquivo  
Particular Campo dos Teixeiras. FCT11

*Pareceristas ad hoc:* Álvaro Barreto | André Fagundes | André  
Lopes | Benedita Celeste Pinto | Bruno Martins | Caroline  
Braga Maciel | Cassiane Paixão | Cesar da Costa | Daniela  
Carvalho | Deise Cristina Schell | Iamara Viana | Jonas  
Vargas | Josimeire Alves | Lidiane Friderichs | Lua Gill da  
Cruz | Lucimar Felisberto dos Santos | Maciel Carneiro |  
Manuel Alves de Sousa Júnior | Márcio Sônego | Mariane  
Balén | Paulo Cadena | Paulo Moreira | Paulo Roberto  
Rodrigues Soares | Paulo Sérgio Silva | Petrônio Domingues  
| Raquel Dias | Rosane Rubert | Sidney Daniel | Sidney  
Gonçalves Vieira | Ynaê Lopes dos Santos

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |  
Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

*Edição:* 2024/1

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online Computer  
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso  
| International Standard Serial Number | Worldcat |  
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

**UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770  
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>  
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733  
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê: Quilombos: Territorialidades, festejos e gênero) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.29, n.1, jan. 2024. – Pelotas: UFPel/NDH, 2024 – 284 p. ; 7,01 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Quilombos 3. Gênero

CDD: 907

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> PRESENTATION <i>Claudia Daiane Garcia Molet   Natália Garcia Pinto</i>	<b>08</b>
<b>HISTÓRIA EM REVISTA: UM BREVE HISTÓRICO E ALGUNS NÚMEROS</b> HISTORY IN REVIEW: A BRIEF HISTORY AND SOME NUMBERS <i>Lorena Almeida Gill   Paulo Koschier</i>	<b>12</b>
<b>“SOU FRUTO LONGÍNQUO DA RAIZ LUIZA”: FAMÍLIA E TERRITORIALIDADES NEGRAS A PARTIR DO QUILOMBO RINCÃO DOS FERNANDES</b> “I AM FAR DESCENDING OF ROOT LUIZA”: FAMILY AND BLACK TERRITORIALITIES FROM THE QUILOMBO RINCÃO DOS FERNANDES <i>Vanessa Flores dos Santos   Franciele Rocha de Oliveira</i>	<b>17</b>
<b>QUILOMBOS RINCÃO DOS CAIXÕES E LINHA FÃO: O ESTAR NO MUNDO DE UM TERRITÓRIO NEGRO NO PLANALTO DO RIO GRANDE DO SUL (DO SÉCULO XIX AO TEMPO PRESENTE).</b> QUILOMBOS RINCÃO DOS CAIXÕES AND LINHA FÃO: BEING IN THE WORLD OF A BLACK TERRITORY ON THE RIO GRANDE DO SUL PLATEAU (FROM THE 19 <sup>TH</sup> CENTURY TO THE PRESENT TIME) <i>Maria do Carmo Moreira Aguiar</i>	<b>36</b>
<b>CONTANDO TEMPOS E ARRANJANDO ESPAÇOS: ALGUMAS PROPOSTAS DE PERIODIZAÇÃO DOS MOCAMBOS E QUILOMBOS, SÉCS. XVIII-XXI</b> COUNTING TIMES AND ARRANGING SPACES: SOME PROPOSALS FOR THE PERIODIZATION OF MOCAMBOS AND QUILOMBOS, 19 <sup>TH</sup> CENTURY. XVIII-XXI <i>Claudia Daiane Garcia Molet   Flávio Gomes</i>	<b>59</b>
<b>QUILOMBOS: ORGANIZAÇÕES SOCIAIS INTERÉTNICAS</b> QUILOMBOS: INTERETHNIC SOCIAL ORGANIZATIONS <i>Jamille Pereira Pimentel dos Santos</i>	<b>77</b>

- “GUARDEI PRA LEMBRANÇA”: MEMÓRIAS DO RITUAL DO ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA DE QUICUMBI DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)**  
 “I KEPT IT AS A MEMORY”: MEMORIES OF THE ENSAIO DE PAGAMENTO DE PROMESSA RITUAL OF QUICUMBI FROM THE BROTHERHOOD OF NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (TAVARES/RS)  
*Luciene Mourige Barbosa* **92**
- TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE QUILOMBOLA: UMA ANÁLISE SOCIOETNOCULTURAL DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E DAS FESTAS, FOLIAS E REZAS**  
 QUILOMBOLA TERRITORY AND TERRITORIALITY: A SOCIO-ETHNOCULTURAL ANALYSIS OF FOOD PRODUCTION AND PARTIES, REVELRY AND PRYERS  
 TERRITORIO Y TERRITORIALIDAD QUILOMBOLA: UM ANÁLISIS SOCIOETNOCULTURAL DE LA PRODUCCIÓN DE ALIMENTOS Y FIESTAS, JOLGORIO Y ORACIONES  
*Hélio Rodrigues dos Santos | Ana Tereza Ramos de Jesus Ferreira | Geraldo Eustáquio Moreira* **114**
- FESTA E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PRATIGI (BA)**  
 PARTY AND POLITICS: AN ANALYSIS OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF PRATIGI (BA)  
*Fábio Júnior da Luz Barros* **138**
- TRAJETÓRIA DE VIDA E IDENTIDADE PARA DUAS MULHERES NEGRAS, MÃE E FILHA DO QUILOMBO MANOEL DO REGO, CANGUÇU/RS**  
 TRAJETÓRIA IN LIFE AND IDENTITY FOR TWO WOMEN BLACK MOTHER AND DAUGHTER OF QUILOMBO MANOEL OF TRENCH CANGUÇU/RS  
*Nara Beatriz Matias Soares | Marcus Vinicius Spolle* **158**
- RESISTÊNCIA E IDENTIDADE: ANÁLISE DE COMO A ESCOLA ATUA NO PROCESSO IDENTITÁRIO QUILOMBOLA EM HELVÉCIA**  
 RESISTANCE AND IDENTITY: ANALYSIS OF HOW THE SCHOOL WORKS IN THE QUILOMBOLA IDENTITY PROCESS IN HELVÉCIA  
*Julia Silva da Ressurreição | Magno Santos Batista* **177**

**O FÓRUM DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO LITORAL MÉDIO COMO  
INSTRUMENTO DE CONQUISTA DE DIREITOS!**

THE FORUM OF QUILOMBOLA COMMUNITIES OF THE MIDDLE COAST AS AN  
INSTRUMENT FOR GAINING RIGHTS!

*Jorge Amaro de Souza Borges* **188**

**ARTIGOS LIVRES**

**ABORDAGENS HISTÓRICAS SOBRE O LITORAL DO PIAUÍ, NICOLAU DE  
REZENDE, RIO PARNAÍBA E A CARTOGRAFIA NACIONAL**

HISTORICAL APPROACHES TO THE COAST OF PIAUÍ, NICOLAU DE REZENDE,  
PARNAÍBA RIVER AND NATIONAL CARTOGRAPHY

*Maria Natielly Soares Campos | Johny Santana de Araújo* **212**

**A ATUAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB) NAS DIFERENTES  
CONJUNTURAS POLÍTICAS ATÉ O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964**

THE PERFORMANCE OF THE BRAZILIAN COMMUNIST PARTY IN DIFFERENT  
POLITICAL SITUATIONS UNTIL THE CIVIC-MILITARY DICTATORSHIP OF 1964

*Renato da Silva Della Vechia | Alana Huttner Wolter | Igor Venzke Pinheiro* **229**

**DISCUTINDO A DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM AULAS DE HISTÓRIA:  
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM O USO DO VÍDEO**

DISCUSSING THE BRAZILIAN MILITARY DICTATORSHIP IN HISTORY CLASSES:  
DIDACTIC SEQUENCES USIN VIDEO

*Cláudio Alves Pereira | Daniel Aparecido Ferreira* **248**

**OS COLÉGIOS NA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL  
NO SÉCULO XIX**

THE SCHOOLS IN THE PROVINCE OF SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL  
IN THE 19<sup>TH</sup> CENTURY

*Eduardo Arriada | Chéli Nunes Meira* **265**

# ABORDAGENS HISTÓRICAS SOBRE O LITORAL DO PIAUÍ, NICOLAU DE REZENDE, RIO PARNAÍBA E A CARTOGRAFIA NACIONAL

HISTORICAL APPROACHES TO THE COAST OF PIAUÍ, NICOLAU DE REZENDE, PARNAÍBA RIVER AND NATIONAL CARTOGRAPHY

*Maria Natielly Soares Campos<sup>1</sup>*

*Johny Santana de Araújo<sup>2</sup>*

---

**Resumo:** O artigo objetiva analisar as temáticas relacionadas ao litoral do Piauí, examinando como o rio Parnaíba é identificado nas escritas analisadas, incluindo algumas de suas descrições toponímicas. Além disso, busca abordar breves percepções históricas sobre o Piauí, destacando as narrativas sobre Nicolau de Rezende e os demais naufragos. A análise contempla o período em que o Piauí, subordinado ao Maranhão, escoava seus produtos por meio do estado vizinho, resultando, segundo alguns estudiosos, no anonimato do Piauí na época. Desse modo, observaremos narrativas sobre a cartografia e seu auxílio na captura de como o Brasil era abordado. Para tais elucidações, o método utilizado se baseia em pesquisas documentais. As discussões teóricas são embasadas em autores como Antonino Freire (1907), Pe. Cláudio Melo (1985), Mônica Balestrin Nunes (2016) e outros estudos relevantes que serão abordados. Assim, esperamos que essas análises contribuam para pesquisas futuras sobre o tema.

**Palavras-chave:** Historiografia Piauiense. Litoral Piauiense. Rio Parnaíba. Cartografia.

**Abstract:** The article aims to analyze themes related to the coast of Piauí, examining how the Parnaíba River is identified in the writings analyzed, including some of its toponymic descriptions. Furthermore, it seeks to address brief historical insights about Piauí, highlighting the narratives about Nicolau de Rezende and the other castaways. The analysis covers the period in which Piauí, subordinate to Maranhão, sold its products through the neighboring state, resulting, according to some scholars, in Piauí's anonymity at the time. In this way, we will observe narratives about cartography and its help in capturing how Brazil was approached. For such elucidations, the method used is based on documentary research. Theoretical discussions are based on authors such as Antonino Freire (1907), Father Cláudio Melo (1985), Mônica Balestrin Nunes (2016) and other relevant studies that will be addressed. Therefore, we hope that these analyzes will contribute to future research on the topic.

**Keywords:** Piauiense Historiography. Piauiense Coast. Parnaíba River. Cartography.

---

## Introdução

Pensar o litoral do Piauí requer uma análise minuciosa e o acesso a fontes que nos levam para descrições que remontam há séculos, por exemplo, o caso de algumas fontes aqui utilizadas que nos dão testemunho de escritas que descortinam um Piauí necessário para

---

<sup>1</sup> Mestra em História do Brasil pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil – PPGHB da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: [natielly.scampos@gmail.com](mailto:natielly.scampos@gmail.com). O presente trabalho é oriundo da pesquisa de mestrado e foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES).

<sup>2</sup> Doutor em História Social UFF/Pós Doutor em História PUC SP, Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História do Brasil PPGHB-UFPI. E-mail: [johnysant@gmail.com](mailto:johnysant@gmail.com).



compreensão dentro dos parâmetros da historiografia piauiense. Desse modo, analisaremos como o Piauí era percebido, dentro das escritas analisadas, no que se refere ao rio Parnaíba, bem como suas descrições e impressões dentro das discussões documentais abordadas.

Entre os objetivos, temos a busca por abordar algumas das primeiras descrições sobre o rio Parnaíba, algumas nomenclaturas que se referem ao rio, relatos de escritas sobre um naufrago que ficou conhecido, ao fincar raízes no litoral, conviver com os povos indígenas que ali viviam e dar notícias de como era o então Piauí. Além de observarmos algumas descrições referentes ao rio Parnaíba, também faremos uso de pistas deixadas pela cartografia, sendo possível observarmos de que forma eram abordadas as noções de território.

Para isso, a metodologia está amparada em análises documentais que buscam elucidar, trazerem descrições e análises de algumas fontes históricas, bem como teóricos que abordam temáticas sobre o litoral piauiense.

No que se refere às fontes analisadas, em 1907 Antonino Freire, ex-governador do Piauí (1878-1934), publicava o livro "*Limites entre os estados do Piauí e do Maranhão*"<sup>3</sup>. Em sua escrita, o autor nos dá testemunho de um fato que emergia nas páginas da historiografia piauiense. Ao reportar-se à segunda metade do século XVI, Antonino Freire menciona, em suas escritas, o naufrago *Nicolão de Rezende* e os demais naufragos, que viveram no litoral que hoje corresponde ao Piauí.

Tal fato identificado nos leva para as narrativas do livro "*Tratado descritivo do Brasil em 1587*" - edição de 1879, de autoria de Gabriel Soares de Souza<sup>4</sup> - que escrevia sobre esse naufrago, *Nicolão de Rezende*, e seus companheiros<sup>5</sup>. Temos Odilon Nunes (2001), em "*Súmula de História do Piauí*". Tais referências ao naufrago também estão inseridas nas escritas de Odilon Nunes (2007), em "*Pesquisa para a história do Piauí: Lutas partidárias e a situação da Província*", que contribui para as pesquisas sobre o Piauí, o rio Parnaíba.

Sobre essa mesma temática também é possível encontrarmos menções nas escritas de Pe. Cláudio Melo (1985), em "*A prioridade do norte no povoamento do Piauí*". Várias são as referências as quais podemos identificar os testemunhos da estadia de Nicolau de

---

<sup>3</sup> Antonino Freire (1907), em "*Limites entre os estados do Piauí e Maranhão*", verificamos as discussões que envolvem litígio territorial entre os estados do Piauí e Maranhão, em que, Antonino Freire dedica-se inteiramente para defender a barra da Tutóia, um dos braços do rio Parnaíba, como pertencente ao Piauí. Além de lutar pelo que entende ser de direito piauiense, Antonino Freire demonstra a importância do rio Parnaíba para o Piauí, no que se refere a questões políticas, econômicas e sociais.

<sup>4</sup> Gabriel Soares de Souza (1879) foi fundamental para seguirmos compreendendo também sobre o período de povoamento do Brasil (com as navegações), sua geografia, os povos que aqui viviam e as riquezas encontradas. Foi um viajante, que reunia informações preciosas sobre o que via, analisava e estudava. O livro "*Tratado descritivo do Brasil em 1587*", 2ª edição (1879), encontra-se digitalizado no acervo da biblioteca digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Página: 11. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4792>. Acesso 18 de abril de 2023.

<sup>5</sup> Fato este que também consta nas escritas de Odilon Nunes em "*Pesquisas para a História do Piauí*" (2007) como veremos a seguir.

Rezende no que hoje é o litoral do Piauí. Entre as fontes temos também, Gabriel Soares de Sousa (1851): "*CAPITULO VI: Em que se declara a costa do Rio do Maranhão até o Rio Grande*, que fala sobre o naufrago Nicolau de Rezende e os demais naufragos. No tocante à cartografia, temos Mônica Balestrin Nunes (2016), em "*Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo*", onde a autora discorre sobre o "silenciamento" de informações e aspectos escolhidos na hora da fabricação de um mapa.

Começaremos analisando as escritas de Gabriel Soares de Souza (1879), em sua obra<sup>6</sup> que reúne estudos e manuscritos de Brasil, Portugal, Espanha e França, e que conta com alguns comentários de Francisco Adolpho de Varnhagen, revelando alguns detalhes a respeito do naufrago Nicolau de Rezende. Vejamos:

(...) Perdendo-se, haverá dezesseis annos, um navio nos baixos do Maranhão, da gente que escapou d'elle que veio por terra, affirmou um Nicoláo de Rezende, d'esta companhia, que a terra toda ao longo do mar até este Rio Grande era escalvada a mór parte d'ella, e outra cheia de palmares bravos, e que achara uma lagoa muito grande que seria de 20 léguas pouco mais ou menos; e que ao longo d'ella era a terra fresca e coberta de arvoredos; e que mais adiante achara outra muito maior a que não vira o fim, mas que a terra que visinhava com ella era fresca e escalvada, e que em uma e em outra havia grandes pescarias de que se aproveitavam os *Tapuias* que viviam por esta costa até este Rio Grande: dos quaes disse que recebera com os mais companheiros bom tratamento. Por este Rio Grande entram navios da costa e tem n'elle boa colheita (...) (SOUZA, 1879, p. 22).

Em suas descrições sobre o Brasil, ele revela riquezas de detalhes ao descrever o percurso que o naufrago e seus companheiros observaram, bem como os detalhes fornecidos sobre a terra, os rios, os Tapuia e suas práticas de pescarias, indicando a passagem de navios, notícias sobre a terra vizinha e suas lagoas.

Ademais, Gabriel Soares de Souza (1879) retrata em seus estudos o Rio do Meio<sup>7</sup>, que seria o braço do Parnaíba. Ele cita também sobre a Bahia do Anno Bom, que seria *Tutoya*, e faz referência ao rio Parnaíba como Rio Grande dos Tapuias<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Gabriel Soares de Souza (1851) foi um viajante que, ao desbravar o que hoje é compreendido como Brasil, realizava levantamentos sobre os lugares que viajava e as percepções que capturava ao longo de suas jornadas. Suas escritas, muito embora não sejam de um historiador, revelam particularidades que são capturadas na emergência de seu tempo, fundamentais para seguirmos compreendendo também sobre o que hoje compreende ao Brasil, sua geografia, os povos que aqui viviam e as riquezas que saltavam aos olhos.

<sup>7</sup> Francisco Augusto Pereira da Costa em "*Chronologia historica do Estado do Piauhy*" descreve o rio do Meio da seguinte forma: "é o braço do Parnaíba que desagua entre as ilhas dos Poldros e das Canárias". (p.26) O livro encontra-se disponível para download no site: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=43602>

<sup>8</sup> Antonino Freire (1907) em "*Limites para o Estado do Piauhy e do Maranhão*" destaca que outras denominações são encontradas para o rio Parnaíba, tais como Pará, Rio Grande, Paraoassu. Mas Gabriel Soares de Sousa prefere se referir como Rio Grande dos Tapuyas, para evitar duplicatas de nome de possíveis confusões.

Em suas escritas, Gabriel Soares de Souza (1879) também dá testemunho de pedras preciosas que são descritas por povos que viviam nas redondezas do rio Parnaíba. Essas escritas nos possibilitam observar de quais formas a história do Piauí pode ser observada e como o rio Parnaíba surge nas páginas escritas (suas características e usos do rio pelos povos que ali viviam).

Uma das principais contribuições de suas escritas seria a evidencia de que o rio Parnaíba já surgia em escritas, por vezes citado como Rio Grande, assim como retrata o título do capítulo VI do livro de Gabriel Soares de Sousa (1851): "*CAPITULO VI: Em que se declara a costa do Rio do Maranhão até o Rio Grande*".

Assim, como observamos em seu livro, são ventiladas ideias de um português que, para alguns historiadores, como é o caso de Odilon Nunes, em "*Pesquisas para a história do Piauí*", Volume 1, de 2007, já movimentava o litoral piauiense e relatava sobre as primeiras alvoradas do comércio local, mesmo que de forma tímida. Citando que em "*Tratado Descritivo do Brasil*", de Gabriel Soares de Sousa, o autor "já se refere a navios e caravelões da costa que entram e nele faz boa colheita" (NUNES, 2007, p. 76).

Em 1571, contrariando o que muitos estudiosos defendiam sobre o pioneirismo na ocupação do Piauí, referindo-se aos bandeirantes Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense, este era o ano em que, segundo Pe. Cláudio Melo (1985), em seu livro "*A Prioridade do Norte no povoamento do Piauí*", a história do Piauí ganhava algumas de suas primeiras páginas.

Padre Cláudio Melo (1985) retrata o naufrago português Nicolau de Rezende<sup>10</sup>, ressaltando que o naufrago não só viveu no litoral piauiense como conviveu com os Tremembés, na altura o rio Parnaíba<sup>11</sup>. Sobre esse relato de convivência, vários outros autores mencionam em suas escritas, como é o caso, por exemplo, de Junia Motta Antonaccio Napoleão do Rego (2013), em seu livro "*Dos Sertões aos Mares, história do Comércio e dos Comerciantes da cidade de Parnaíba – Piauí*".

No livro, a autora comenta sobre as escritas de Pe. Cláudio Melo (1985), quando falava sobre o naufrago Nicolau de Rezende e sua "convivência pacífica com os nativos do litoral" (REGO, 2013, p. 67).

Em algumas páginas da historiografia piauiense destacam-se diferentes percepções e/ou formas de observarmos como era identificado o rio Parnaíba. Algumas

---

<sup>9</sup> A leitura do livro de Gabriel Soares de Souza (1851) em "*Tratado Descritivo do Brasil*" encontra-se disponível na página da Biblioteca Digital da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/199>. Páginas: 12 a 15.

<sup>10</sup> É comum encontrarmos em escritas historiográficas tanto a escrita "Nicolau de Resende", "Nicolau Resende", "Nicoláu de Rezende", ou "Nicoláo de Rezende". Variando de acordo com a fonte que menciona.

<sup>11</sup> Ao longo da escrita veremos que algumas das teses aqui apresentadas e já consagradas aparecem em outras diferentes referências para o campo da historiografia piauiense. São estudos que se repercutem e que possuem um papel fundamental: validar pesquisas e olhares múltiplos.

referências ao rio Parnaíba surgem nas escritas analisadas, como é o caso da nomenclatura referente ao “rio Pará” (Parnaíba) ou “Punaré”, nas escritas de Odilon Nunes, em *“Pesquisas para a história do Piauí”*, Volume 1, de 2007. Encontra-se também referências ao “rio Ano Bom”, na página 86, na pesquisa de Jóina Freitas Borges (2014), intitulada *“A História Negada: em busca de novos caminhos”*.

Outra nomenclatura utilizada seria “rio Grande dos Tapuias” encontrada nas escritas de Gabriel Soares de Souza, no *“Tratado descritivo do Brasil em 1587”*, edição de 1879. Temos também referências sobre o “Rio Paraguaçu” nas escritas de Cid de Castro Dias, em *“Piauí das origens à nova Capital”*. Desse modo, são variadas as formas que o rio Parnaíba é mencionado, tanto na história, de modo geral, como na historiografia piauiense, assim como na cartografia brasileira, ao ser abordado em mapas cartográficos.

Ao reunirmos algumas páginas inseridas na historiografia piauiense, observamos os estudos de Padre Joaquim Chaves (1953), em seu texto intitulado *“O índio no solo piauiense”*, que nos dá notícias sobre o Piauí, em meados de 1697; dos relatos de Padre Miguel de Couto, em um documento publicado por Ernesto Ennes *“As guerras dos Palmares”*, intitulado de *“Descrições do Sertão do Piauí, remetida ao Ilmo. Revmo. Sr. Frei Francisco de Lima, Bispo de Pernambuco”*.

Nessas escritas de Pe. Joaquim Chaves, ao retratar os estudos de Pe. Miguel, em 1697, aponta que a ideia de um Piauí que constasse com facilidade em sua localização e proporções territoriais, não foi algo presente nas terras aqui encontradas, “isto aqui era um fim de mundo” (CHAVES, 1953, p. 5). Sobre as declarações de Pe. Miguel, consta que:

Esta a povoação do Piauí situada a 3 graus para a parte do sul, no meio do sertão que se acha entre o rio S. Francisco e a costa do mar, que corre do Ceará para o Maranhão, da qual distará, pelo caminho sabido, 80 léguas. Confina pela parte do nascente como os sertões desertos que corre, para Pernambuco, pelos quais se não tem descoberto caminho, nem se vadeiam, em razão dos muitos gentios bravos que neles habitam, e só se tem chegado pela parte desta povoação a avistar uma serra chamada o Araripe, que dizem ser muito alta, e que na Superfície tem de pano 50 léguas de uma e outra parte está rodeada de várias nações de tapuias bravos (CHAVES, 1953, p. 5).

Nos estudos de Pe. Joaquim Chaves (1953), observamos que já constavam nas histórias escritas as notícias do rio Parnaíba, rio Grão-Pará, Gurguéia. Outras denominações a respeito do rio Parnaíba e de como este era mencionado, encontram-se também nas escritas do historiador pernambucano Francisco Augusto Pereira da Costa (1974), em *“Cronologia Histórica do Estado do Piauí”*, em uma de suas passagens, o autor escreve:

Pelo tempo adiante perdeu o Parnaíba a sua primitiva denominação de Rio Grande dos Tapuias, e tomou a de Pará, como lhe chama Diogo de Campos Moreno em 1614 da qual vem, naturalmente, a de Paraguaçu com que o qualifica Bento Maciel Parente” pelos anos de 1626, e ainda a de Punaré, segundo frei

Vicente do Salvador, para chegar à de Paraguaçu como lhe chama o padre Antônio Vieira, bem como a carta régia de 1 de dezembro de 1677, denominação, aliás, que vinha já demeados do século, como se vê das cartas geográficas que figuram nas obras de G. Barlaeus e frei José de Santa Teresa. Segundo Cândido Mendes, o Parnaíba teve também o nome de rio das Garças, — em razão da abundância dessas aves nas suas margens, — mas não diz em que época (COSTA, 1974, p. 26).

Assim, como aborda Francisco Augusto Pereira da Costa (1974), são várias as referências sobre o rio Parnaíba. Muitos mapas estrangeiros o retratam com outros nomes dos quais não são comuns, mas que foram utilizados no período em que era atribuído ao rio, como é o exemplo de algumas referências de mapas do século XVII que tratam o rio Parnaíba como Rio Pará ou rio Parauasu<sup>12</sup>.

Sobre as notícias do Piauí, temos outra dimensão que remete às discussões a respeito do pioneirismo do povoamento piauiense. Para muitos, a data de 1662, sobre a presença de Domingos Jorge Velho está rodeando o rio Poti<sup>13</sup>, bem como a data de 1671 relacionada à Domingos Afonso Sertão, passa a ser discutida nas escritas da historiografia piauiense, no intuito de identificar, em meio às documentações sobre o devassamento, qual dos bandeirantes teria primeiro instalado curral em solo piauiense:

E quando se refere ao Piauí, acrescenta que Domingos Afonso Sertão foi um dos primeiros que penetraram no ano de 1671, e que nessa ocasião se encontrou com Domingos Jorge Velho que “chegara àquela parte pouco tempo antes que o Capitão Domingos Afonso a adentrasse”. O próprio Domingos Jorge Velho deixou documento que confirma a data indicada pelo historiador, ou melhor, pelo cronista seu contemporâneo (NUNES, 2007, p. 86).

Desse modo, Odilon Nunes (2007) aborda essa passagem nas escritas de Sebastião da Rocha Pita, em “*História da América Portuguesa*”, no ano de 1730, que seria contemporâneo ao devassamento do Piauí. Pe. Cláudio Melo (1975) reconhece o paulista como “o primeiro entre os curraleiros do Piauí” (MELO, 1985, p. 58).

Já o Mafrense seria o “conquistador e povoador daquela porção do Piauí de hoje, o vale do rio Piauí, citado por Rocha Pita. “Firmado no mesmo historiador, acompanho os defensores da prioridade do Paulista” (MELO, 1985, p. 45).

Odilon Nunes em “*Súmula de História do Piauí*” (2001) retrata como se davam as percepções do Piauí no século XVII. Odilon Nunes escreve que o então Piauí tem sua conquista atribuída a “guerreiros”, em que “paulistas são, então, enrobustecidos pela Casa da

<sup>12</sup> Albanes I, João Teixeira. Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará. fl. 1602-1649. Ca.1629. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart555828/cart555828.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart555828/cart555828.pdf).

<sup>13</sup> Esse argumento é encontrado nas pesquisas de Padre Cláudio Melo (1985), em “*A prioridade do Norte no Povoamento do Piauí*”, e de Odilon Nunes (2007) em “*Pesquisas para a História do Piauí*”.

Torre, e prosseguem em suas incursões de limpeza, já com finalidade de ocupação definitiva”<sup>14</sup> (NUNES, 2001, p. 32). Seguindo com o devassamente e colonização da bacia do rio Parnaíba.

Em “*O Piauí e a unidade nacional*” Bugyja Britto (1976) nos lembra das condições de subordinação que o Piauí ocupava em alguns cenários da história piauiense. Bugyja Britto realça o fato de que por alguns momentos, o Piauí não passava de “um Maranhão continuado” (BRITTO, 1976, p. 25). Além disso, vale ressaltar os momentos em que esteve o Piauí sob o domínio maranhense:

E o Piauí, como se sabe, constituiu em vastos períodos da sua existência uma dependência do Maranhão. Por mais de uma vez ele esteve subordinado ao Maranhão, primeiramente quando Freguesia em 1701, depois na situação de vila e comarca em 1717 e, finalmente com *Capitania Subalterna* até 1811, embora tenha havido em mais de um século (de 1701 a 1811) interregnos em que ele possa aparecer com área independente (BRITTO, 1976, p. 25).

Esse processo que compreende o entendimento sobre os momentos na história que marcam a subordinação do Piauí ao Maranhão, funciona também como baliza para compreendermos a raiz de muitos dos discursos que clamam a devolução total dos limites que se referem ao território piauiense. Todas essas questões levantadas são sintomas dos desejos de piauienses que, reativavam a busca por reagrupar o território que, para autores como Antonino Freire (1907), foram então “surrupitados”.<sup>15</sup>

Antonino Freire (1907) escreve sobre as crescentes da capitania do Piauí para o mercado de exportação. Entretanto, esse pulsar mercantilista estaria à sobra do estado vizinho, o Maranhão. Vejamos:

Até então, o Piauí não tinha, quase, relações directas com a metrópole, nem mesmo com as outras capitanias do Brasil. O Maranhão era o seu fornecedor geral, o monopolista das suas transações comerciais. As produções do solo piauíense iam para S; Luiz e Bahia, onde perdiam a origem e entravam na exportação geral dessas capitanias. Graças a esse expediente, o commercio do Piauí era anônimo, sem vida, ou representação oficial (FREIRE, 1907, p. LXXXIV).

<sup>14</sup> Odilon Nunes (2001) destaca ainda que “Suas tropas constituíam tribos belicosas, de extraordinária mobilidade. Tinha o nomadismo dos indígenas que por sua vez também viviam em tribos belicosas” (NUNES, 2001). No caso das tribos desses povos indígenas, o autor cita que os armamentos de ataque eram rudimentares, tais como arcos e flechas, tacapes.

<sup>15</sup> Essa era uma discussão que envolvia o litígio territorial entre Piauí e Maranhão. Tais debates são observados, por exemplo, no campo da historiografia piauíense no ano de 1901, com a publicação do livro de Antonino Freire (1907) “*Limites entre os Estados do Piauí e Maranhão*”, entre outros meios que vinculavam essa contenda territorial.

As relações entre o Piauí e a metrópole ocorriam por meio do Maranhão, que desempenhava o papel de intermediário nas transações comerciais. Segundo Antonino Freire (1907), esse cenário colocava o Piauí em uma condição de anonimato, pois era o Maranhão que mantinha o contato e as relações diretas com a metrópole. Todos os produtos oriundos do Piauí eram encaminhados para São Luís - MA, onde perdiam sua identidade original e se integravam às demais exportações da capitania do Maranhão.

É importante destacar que, no século XVII, todas as questões relacionadas à territorialidade indicam que a totalidade da costa do Piauí, conforme as análises de documentos, estaria habitada por tribos de guerreiros. Algumas dessas tribos eram de difícil acesso, como se evidencia na faixa litorânea do Piauí, que os separava do Maranhão e do Ceará. Isso é exemplificado pelos povos, como os Tremembés.

### **O Rio Parnaíba nas Escritas da Historiografia Piauiense**

Gustavo Luiz Guilherme Dodt, em seu livro de 1873, intitulado "*Descrição dos rios Parnahyba e Gurupy. Relatório sobre as explorações dos mesmos seguidos de uma memória sobre o porto de San Luiz do Maranhão*" retrata não só as características geográficas do rio, como também relembra em sua escrita, que, no período observado, Amarração (atual Luís Correia – PI) encontrava-se sob a tutela da Província do Ceará.

No que se refere às questões territoriais referentes ao Piauí e Ceará, o autor destaca ainda que "Perto da povoação da Amarração entra uma gambôa denominada também Iguaraçú, que a Província do Ceará tomou por divisa, de sorte que a província do Piauí ficou sem porto marítimo" (DODT, 1873, p. 38).

Já sobre a barra da Tutoya, o autor cita:

Também no Santa Rosa não tem navegação não obstante ser a barra da Tutoya a mais franca entre todas, porque a comunicação com a cidade da Parnahyba, que é o emporio do commercio da província do Piauí é difficil por causa da distancia. Pelo mesmo motivo não são aproveitadas as barras do Carrapato e do Cajú, que além disso são muito inferiores cá da Tutoya (DODT, 1873, p. 38).

Nota-se que, assim como observa Gustavo Dodt (1873), a Província do Piauí contava com a barra da *Tutoya* para a realização da ligação entre a cidade de Parnaíba e o movimento comercial marítimo. Isso por se tratar de uma saída viável às atividades comerciais marítimas. Vale ressaltar que a barra da Tutóia distava da cidade de Parnaíba, mas se mantinha como rota vital e inclinada à navegação para comercialização de produtos escoados por sua rota marítima.

Das bocas do rio Parnaíba, em meados de 1614, a barra da Tutóia já era conhecida e comentada. Sobre esse fato, Antonino Freire (1907) escreve que:

Das bocas do Parnahyba, só era conhecida até áquella fata a da Tutoya, onde pretendeu entrar em 1614 a armada de Jeronymo de Albuquerque, segundo refere DIOGO DE CAMPOS, na sua *Jornada do Maranhão*, não conseguindo, porém, porque chamamando-se os pilotos “soube-se que nenhum só dentre eles conhecia a entrada da corrente” (...)

Os indígenas do litoral e os da Ibiapaba chamavam-no Abiunham, Punharè e Paraoassu. Esta ultima denominação, dada especialmente ao rio que desagua naquela bahia, era a usada pelos tremembés, índios cariryys, habitantes do delta (FREIRE, 1907, p. XXII).

Antonino Freire (1907) cita outra passagem que consta como era conhecido e mencionado o rio Parnaíba, na primeira metade do século XVII: “o mappa appenso à obra de Diogo Campos Moreno, Razão do Estado do Brazil (1603-1608) é attribuído ao dito Pero Lopez, designa Parnahyba d’aquella maneira, Ponaré”(FREIRE: 1907, p.XXIII).

Gabriel Soares de Souza (1879), em “*Tratado Descritivo do Brasil*”, revela outra nomenclatura para o rio Parnaíba, em que os Tremembés, de Tutóia, chamavam-no de Paraó ou Paragua Assu.

Vejamos abaixo algumas alternativas toponímicas com significados diversos atribuídos ao rio Parnaíba. Além disso, algumas dessas nomenclaturas foram identificadas ao longo da pesquisa e onde podemos encontrá-las referenciadas:

**Tabela 1:** Algumas variedades toponímicas atribuídas ao rio Parnaíba

Paraoassú; Paraoassu; Pará; Rio Grande; Paraó; Paragua Assu; Rio Grande dos Tapuias/Tapuyas	SOUZA, Gabriel Soares de. <a href="#"><i>Tratado descritivo do Brasil em 1587</i></a> . Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1879.
Ponaré; Punarè; Rio Paravassu; Abiunham, Punharè; Paraoassu, Ponarè.	Antonino Freire – <b>Limites entre os estados do Piauhy e do Maranhão</b> . (1907).
rio Paraguaçu (nome indígena, que significa rio caudalossíssimo)	Odilon Nunes – <b>Pesquisas para a História do Piauí</b> . (2007).
Ponaré; Punaré; Pará do Piaguí; Pará dos Tapuias; Paraó; Paraguá Assu; Rio Grande dos Tapuias/Tapuyas; Pará; Paraguaçu; Paraoassu; Paravassu; Paruaçu; Parauaçu; Ototói; Totói; Paraguas; Paragues; Des Paragues; Fam Quel Coous. Rio Grande; Abiunham; Canárias; Rio das Garças; Parana-Iba; Parana-ahyba; Parnaíba; Parnahyba e finalmente Parnaíba. (GANDARA, 2008, p. 46).	Gercinair Silvério Gandara - <b>Rio Parnaíba... Cidades-Beira</b> . (2008).
rio Niegro; Palma, Ano Novo; Abihunham, Jaguaribe ou Jaguarive; Punará; Das Graças. (REGO, 2013, p. 65)	Junia Motta Antonaccio Napoleão do Rego – <b>Dos Sertões aos Mares: história do Comércio e dos Comerciantes da cidade de Parnaíba – Piauí</b> . (2013)
Rio Parauasu	Albanez I, João Teixeira. <b>Pequeno atlas do</b>



	<b>Maranhão e Grão-Pará.fl. 1602-1649.</b> Biblioteca Digital Luso-Brasileira.
Paraguaçu. Descrição de Padre Antônio Vieira, 1650.	Judith Santana– <b>Parnaíba</b> . 1982.
Paraoaçu – descrição de Bento Maciel Parente.	Judith Santana– <b>Parnaíba</b> . 1982.

**Fonte:** elaborado pela autora (2023)

Das variedades com que se apresenta o termo “rio Parnaíba” e das várias referências toponímicas que se apresentam, destacamos algumas identificadas ao longo das pesquisas realizadas. Junia Mota Antonaccio Napoleão do Rego (2010) em *“Dos Sertões aos Mares: história do Comércio e dos Comerciantes da cidade de Parnaíba – Piauí”*, também ressalta existirem casos em que o nome possui significado, como na linguagem indígena, como é o caso do termo *“Abihunham”*, como chamavam “os indígenas do litoral e da Serra da Ibiapaba (Ceará)” (REGO, 2013, p. 65).

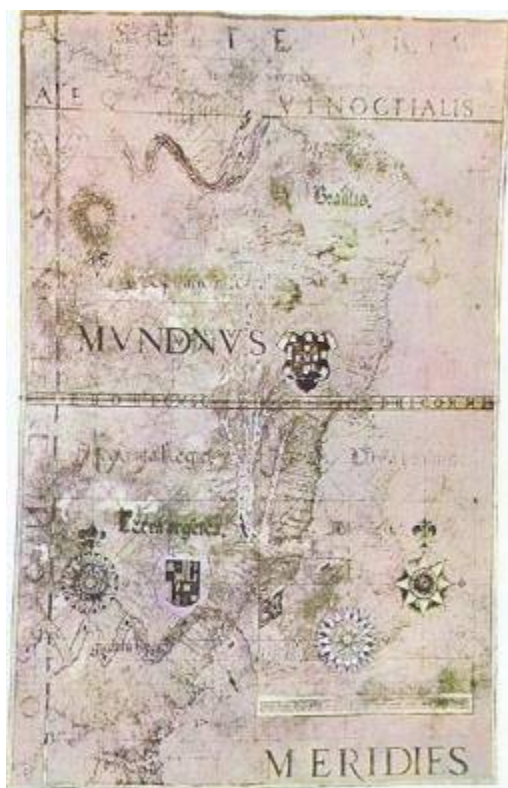
As várias nomenclaturas atribuídas ao rio Parnaíba se destacam também em mapas estrangeiros, mapas antigos, como é o caso da Carta de Diogo Homem (1558-1568), cosmógrafo oficial do Reino português, e no caso do mapa de Desseliers (1550). O rio fica localizado com as denominações de “rio Niegro” “Ano Novo” e “Palma”. Alguns nomes apresentam-se duplicados, citados em mais de um autor, para que seja possível identificar, de alguma forma, ao serem novamente pesquisados.

Seguindo a linha de observação do surgimento do rio Parnaíba nas escrituras, ainda podemos identificar algumas das primeiras abordagens sobre o território nacional. Como os viajantes, pesquisadores, especialistas, estudiosos, entre outros, percebiam o território nacional e como suas impressões eram registradas nesses documentos. Nas figuras a seguir, veremos a Carta de Diogo Homem (1558-1568) e o mapa de Desseliers (1550):



**Figura 1:** Carta de Diogo Homem – 1558. Constando toda a América do Sul e as Antilhas

**Fonte:** Site Novo Milênio. 2005. Disponível em: Mapa Mundo Novo. Diogo Homem. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa20.htm>. Acesso 04 de fevereiro de 2023.



**Figura 2:** Carta de Diogo Homem, 1868. Manuscrito em pergaminho. Parte de um atlas de 29 páginas

**Fonte:** Site Novo Milênio. 2005. Disponível em: Mapa Mundo Novo. Diogo Homem. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa20.htm>. Acesso 04 de fevereiro de 2023.

Na carta de Diogo Homem (1558), extraída do site Novo Milênio, é possível observarmos toda a América do Sul, além dos detalhes os quais o autor da Carta exprime, de acordo com suas impressões. Ainda assim, Diogo Homem foi um importante cartógrafo, responsável pela produção do Atlas (Figura 1), que auxiliava na invasão portuguesa às novas terras do novo mundo.

Ao abordarmos as primeiras cartografias que representam o Brasil, percebemos que as obras eram regidas, em geral,

pelas impressões capturadas por cartógrafos, os quais, por vezes, refletiam um discurso dominante. Na Figura 1, destaca-se a representação de um dos integrantes dos povos indígenas que habitavam a região, retratado como antropófago, como descreve Luciana de Queiroz Pinto (2016), em *“Uma análise sobre a representação do indígena em dois mapas de Diogo Homem, 1558 e 1568”*.

Na representação dos povos ao sul do país, temos referências de armas em posse desses povos. Luciana de Queiroz Pinto (2016) também explica que, cenas como as retratadas eram tidas como cenas do cotidiano, observadas por viajantes, cartógrafos etc. Já sobre a descrição de povos tidos como canibais.

A cartografia era necessária, visto que Portugal necessitava de informações sobre o novo território, agora colônia, a ser conquistada e explorada. Sobre essas questões, Luciana de Queiroz Pinto (2016), em *“Uma análise sobre a representação do indígena em dois mapas de Diogo Homem, 1558 e 1568”* ressalta que *“Uma colônia era um território a ser explorado, porém necessitava, antes de tudo, ser estudado e, ao longo da colonização, a cultura e religião europeia deveriam se infiltrar e ganhar espaço nestas terras”* (PINTO, 2016, p. 3). Nisso, o trabalho voltado para a cartografia destacava-se de fundamental importância para as primeiras formas de retratação do território compreendido como a América.

A figura 2 é parte de um atlas de 29 páginas, referente ao mapa original, e faz parte do *“Atlas de Diogo Homem”*, localizado no Museu Britânico, em Londres. Já a outra carta de Diogo Homem, datada do ano de 1568. Trata-se de um manuscrito em pergaminho. Seu original encontra-se na Biblioteca de Dresden, na Alemanha.

Temos também, para efeitos ilustrativos, o mapa de Desseliers (1550).

**Figura 2:** Mapas Históricos Brasileiros, da enciclopédia Grandes Personagens da Nossa História, ed. Abril Cultural, São Paulo/SP, 1969

**Fonte:** Mapa de Desseliers (1550). Site **Novo Milenio**. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa55.htm>.

Reprodução do fac-símile existente na mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, situada no Rio de Janeiro, no então estado. Acesso em: 03 de jan. de 2023.



Na figura 3, temos a representação do interior do território americano em que são destacadas as lutas entre povos, arcos e flechas, os animais dos quais se tinha notícias e outros elementos ilustrativos que eram descritos por viajantes, mapas portugueses. Mônica Balestrin Nunes (2016) em *“Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo”*, corrobora que “Os elementos iconográficos presentes nos mapas também merecem atenção do autor, na medida em que as imagens, ornamentos e adereços presentes nos mapas se tornam parte da mensagem a ser transmitida” (NUNES, 2016, p. 99).

Desse modo, a geógrafa brasileira Mônica Balestrin Nunes (2016),<sup>16</sup> ao trabalhar com temáticas da cartografia e de mapas, revela alguns aspectos a serem observados, no que tange à construção dos mapas no tempo em que foram criados:

Um aspecto a ser considerado no contexto dos mapas como ferramentas do poder reside no fato de que, ao representar o território em papel, eliminavam-se as “interferências” da realidade, ou seja, a presença de populações inteiras podia ser simplesmente ignorada na divisão política de terras entre colonizadores, como, por exemplo, foi o caso da divisão das colônias da África. Quanto ao conteúdo dos mapas e suas funções no exercício do poder, Harley afirma que os mapas podem conter imprecisões intencionais ou inconscientes, omitir informações (o silêncio dos mapas) e ainda definir hierarquias segundo um objetivo prévio (NUNES, 2007, p. 99).

<sup>16</sup> NUNES, Mônica Balestrin. **Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 65, p. 96-119, dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/125162> Acesso: 05 de nov. 2022.

A autora também cita os casos em que percebemos distorções nas construções de alguns mapas. Isso serviria como “silenciamento” de informações, destacando outros aspectos escolhidos. Para Mônica Nunes (2007)<sup>17</sup>, tais movimentos acabam configurando-se como instrumentos de poder político, econômico, social.

Nessa conjuntura, as cartas e mapas nos possibilitam enxergar sob o prisma dos olhos de quem analisou e colheu os dados na época de sua idealização. No caso do Brasil, o ramo da cartografia sofre influências europeia. Nesse contexto, imprimia-se nos mapas os interesses da Coroa, nos relatos de viajantes, expedições estrangeiras, contando com características dos povos, da fauna, flora.

Outrossim, as viagens de cartógrafos eram influenciadas por lendas e crenças da época. É possível observarmos no interior da imagem acima, que o cartógrafo Desseliers (1550) retratava, por exemplo, o interior com tribos que eram governadas por brancos. O destaque no mapa também vai para a região onde hoje fica o Peru, em que é retratado por Desseliers, um conflito armado entre índios e castelhanos.

Ao falarmos em cartografia, como uma das referências a nível de pesquisa estadual, temos o “*Mappa geographico da capitania do Piahy, e parte das do Maranhão, e do Gram Pará [Cartográfico]*”<sup>18</sup>, de autoria do Engenheiro Militar Enrico Antonio Gallucci, de 1760. Vejamos:

---

<sup>17</sup>Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/125162>. Acesso: 05 de nov. 2022.

<sup>18</sup> “*Mappa geographico da capitania do Piahy, e parte das do Maranhão, e do Gram Pará [Cartográfico]*”, de autoria do Engenheiro Militar Enrico Antonio Gallucci. Disponível em: [http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=17952](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=17952). Acesso em 28 de outubro de 2023.

**Figura 4:** Mapa de Gallucci: “Mappa geographico da capitania do Piauhy, e parte das do Maranhão, e do Gram Pará [Cartográfico]”. 1760

**Fonte:** Biblioteca Nacional Digital (Brasil). “*Mappa geographico da capitania do Piauhy, e parte das do Maranhão, e do Gram Pará [Cartográfico]*”, de autoria do Engenheiro Militar Enrico Antonio Gallucci.

O “mapa de Gallucci”, como é conhecido, foi encomendado pelo primeiro governador do Piauí, João Pereira Caldas. Em 1760, temos o mapa que, segundo o engenheiro militar Enrico Gallucci, representava a silhueta do então estado do Piauí. É importante destacar que, na época, o mapa não recebeu reconhecimento por parte do governo português, pois no século XVIII não havia preocupações com os limites entre as regiões. Dessa forma, o mapa não foi reconhecido, mas também não foi vetado, conforme consta nos estudos de Antonino Freire (1907).



## Conclusão

Na pesquisa foram observados estudos que trabalham com referências sobre o litoral piauiense, os povos que aqui viviam e a presença de um dos primeiros a observarem o que hoje compreende-se como Piauí, como é o caso das escritas de Gabriel Soares de Souza, no “*Tratado descritivo do Brasil em 1587*”, edição de 1879, ao escrever sobre os um naufrago chamado Nicoláu de Rezende e seus companheiros, detalhando como era a relação desses naufragos como os Tremembés.

Observamos as escritas em torno do litoral do Piauí, como é o caso de Pe. Cláudio Melo (1985), em seu livro “*A Prioridade do Norte no povoamento do Piauí*”; Antonino Freire, que em 1907 publicava o livro “*Limites entre os estados do Piauhy e do Maranhão*”.

Foram analisadas as escritas de Junia Motta Antonaccio Napoleão do Rego (2013). Em seu livro “*Dos Sertões aos Mares, história do Comércio e dos Comerciantes da cidade de Parnaíba – Piauí*”, bem como Pe. Cláudio Melo (1985), em “*A Prioridade do Norte no povoamento do Piauí*”, em que ambos citam o naufrago Nicolau de Rezende e sua “convivência pacífica com os nativos do litoral” (REGO, 2013, p. 67). Além disso, observamos que Odilon Nunes (2007), em “*Pesquisas para a história do Piauí*” também cita Nicolau de Rezende, o processo em

que ocorrem as primeiras alvoradas do comércio local, através de navegações.

Observamos a importância dos mapas para a compreensão de como o território brasileiro atual era abordado e noticiado. Contamos com a validação desses dados em sites e referências, como no caso da carta de Diogo Homem (1558), extraída do site Novo Milênio, um documento relevante para a cartografia brasileira.

Ao longo do texto, destacamos as informações sobre o litoral do Piauí, incluindo algumas nomenclaturas pelas quais o rio Parnaíba era conhecido e referenciado nas análises. Através das pesquisas de Antonino Freire (1907), percebemos que, durante o período em que o Piauí esteve subordinado ao Maranhão, houve um anonimato em relação ao piauiense, pois todas as negociações eram conduzidas diretamente pelo Maranhão.

Nesse contexto, a pesquisa resulta em novas percepções, proporcionando uma abordagem diferente sobre como o rio Parnaíba observado, revelando a presença de fontes úteis para futuras pesquisas, especialmente relacionadas a análises históricas do litoral do Piauí, do rio Parnaíba e da barra da Tutóia, abordando o escoamento de produtos piauienses e como essas questões eram tratadas em sua época, tanto em âmbito nacional quanto estadual.

Portanto, refletir sobre o litoral piauiense nos permite revisitar o passado por meio de fontes e documentos que abordam as temáticas pesquisadas, essenciais para a historiografia do Piauí e o entendimento do litoral da região.

### Referências Bibliográficas

- BORGES, Jóina Freitas. **A História Negada**: Em busca de Novos Caminhos. Jóina Freitas Borges – Teresina: FUNDAPI; 2004. 134 p. (Coleção Grandes Textos).
- BRITTO, Bugyja. **O Piauí e a unidade nacional**. Rio de Janeiro, 1976.
- CHAVES, Pe. Joaquim. **O índio no solo piauiense**. CADERNO N. 2, 1953.
- COSTA, F. A. Pereira. **Cronologia histórica do estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da República**. v. 2. Teresina: Artenova, 1974.
- DIAS, Cid de Castro. **PIAUHY das origens à nova Capital**. 1º edição, 2008.
- DODT, Gustavo Luiz Guilherme. **Descrição dos rios Parnahyba e Gurupy. Relatório sobre as explorações dos mesmos seguidos de uma memória sobre o porto de San Luiz do Maranhão**. Maranhão. Typo do Paiz. Imp. M. F. V. Pires, 1873.
- FREIRE, Antonino. **Limites entre os estados do Piauí e Maranhão**. Teresina, 1907.
- GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-Beira**. Brasília – DF. 2008.
- Judith Santana– Parnaíba, 1982.
- MELO, Pe. Claudio, **A prioridade do norte no povoamento do Piauí**. Teresina, 1985.
- NUNES, Mônica Balestrin. **Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo**. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 65, p. 96-119, dez. 2016. Disponível

em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/125162>. Acesso: 05 nov. 2022.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí: Lutas partidárias e a situação da Província. Em busca de organização: escolha e trabalho...** / Odilon Nunes. – Teresina > FUNDAPI; Fund. Mons. Chaves, 2007. 344p (Coleção Grandes Textos, v. IV).

NUNES, Odilon. **Súmula de História do Piauí**. 2º Edição; ed. Academia Piauiense de Letras – Convênio com o Banco do Nordeste: Teresina, 2001.

PINTO, Luciana de Queiroz. **Uma análise sobre a representação do indígena em dois mapas de Diogo Homem, 1558 e 1568**. In: 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. CRCH – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil. 2016. Disponível em: [27LucianaPinto\\_3SBCH.pdf \(ufmg.br\)](27LucianaPinto_3SBCH.pdf). Acesso em: 05 mar. 2023.

REGO, Junia Mota Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba, Piauí** / Junia Mota Antonaccio Napoleão do Rego. – Teresina: EDUFPI, 2013. 295 p. (1700-1950).

SOUZA, Gabriel Soares de. ***Tratado descritivo do Brasil em 1587***. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

## Sítios

Albanez I, João Teixeira. **Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará**. fl. 1602-1649. Ca.1629. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: [Disponível em: objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart555828/cart555828.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart555828/cart555828.pdf). Acesso em: 04 mai.2023.

Biblioteca Nacional Digital (Brasil). **"Mappa geographico da capitania do Piauhy, e parte das do Maranhão, e do Gram Pará [Cartográfico]"**, de autoria do Engenheiro Militar Enrico Antonio Gallucci. Disponível em: [http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=17952](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=17952). Acesso em: 28 out. 2023.

Site Novo Milênio. **Mapa Mundo Novo**. Diogo Homem. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa20.htm>. Acesso em: 04 fev. 2023

Site Novo Milênio. **Mapa de Desseliers (1550)**. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa55.htm>. Reprodução do fac-simile existente na mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, situada no Rio de Janeiro, no então estado. Acesso em: 03 jan. 2023.

NUNES, Mônica Balestrin. **Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 65, p. 96-119, dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/125162> Acesso em: 05 nov. 2022.